

RESENHA

Referência da obra resenhada:

SOUZA, Licia Soares de, **Figures spatiales de Montréal. Pour une géopoétique intéraméricaine**, Montréal, Société des Écrivains, 162 p. 2017.

Rita Olivieri-Godet¹

Para Licia Soares de Souza, um exame apurado do espaço urbano, como rede de significados diversos, está na origem da geopoética das semiosferas (Iuri LOTMAN, 1996), o que poderia conduzir a uma valorização de espaços periféricos perante um centro hegemônico proposto por uma arquitetura determinada. A autora, como membro do grupo de pesquisa *La Traversée*, da Universidade do Québec em Montréal, que organiza excursões geopoéticas, (em lugares suscetíveis de suscitar relações privilegiadas entre os sujeitos poéticos e o mundo), se questiona se “cidade” e “geopoética” são termos compatíveis. É preciso se perguntar como adotar uma visão poética diante de um espaço considerado, muitas vezes, barulhento, sujo e violento.

O conceito de *mauvais flâneur*, criado por Pierre Popovic (1992), refere-se aos excluídos da cidade de Montréal, geralmente os canadenses franceses, que perderam seus territórios diante do crescimento urbano empreendido pelo *business* dos anglófonos. Itinerantes e desorientados, em seus próprios territórios, os maus passageiros (*flâneurs*), percorrem os locais da cidade, avaliam a cultura que daí emerge, trazendo uma visão crítica dos desníveis político-sociais que se instauram no tecido urbano. Este se inscreve em uma América do Norte, que segue os rumos do neoliberalismo global, permitindo uma desagregação rápida dos modos de vida tradicionais que participaram das formações simbólicas do território montrealês.

Visando, então, seis romances quebequenses contemporâneos, a autora busca descrever os contornos da semiosfera de Montreal, com símbolos determinados, e as formas como seus *mauvais flâneurs* cruzam as fronteiras entre os centros estruturados e suas periferias entrópicas onde novas linguagens são gestadas. Lembremos que a semiosfera é o equivalente

¹ Université de Rennes 2, Institut Universitaire de France.

da biosfera, no nível sócio-cultural, supondo, assim, simetrias e assimetrias entre os elementos que se entrecruzam para formar um todo.

Para enfatizar as particularidades das mobilidades dos flâneurs montrealeses, nas diferentes obras, a autora estipula uma classificação de espaços que transparecem as travessias específicas.

O *espaço-fronteira* é característico do romance de Sylvain Trudel, *Le Souffle de l'Harmattan* (2001) que trata de um encontro entre duas crianças, um quebequense adotado, que não conhece sua família biológica, e um africano, filho de imigrantes, que estudam juntos em uma escola primária. A criança quebequense narra, mostrando, inicialmente, conflitos territoriais na aculturação de Habéké, seu colega africano. A América é uma constelação territorial do « Acidente » (trocadilho com o Ocidente), e Montreal uma cidade de território « acidentado », suscetível de provocar a aculturação dos novos imigrantes, forçando-os a assimilar signos inúteis para a convivência social, como o hockey, etiquetas à mesa, o hino nacional *Oh Canada*, hot-dogs, etc. O jovem branco reflete sobre o sistema de valores central das terras do *Acidente*, enfatizando a inevitabilidade de conflitos entre novas culturas que aí se encontram. Junta-se então a Habéké para criar uma estrada imaginária para o reino de *Ityopya*, onde terão a chance de viver com a natureza, apreciar a flora e a fauna, e gerar lendas e narrativas em conjugação com uma terra livre das agressões mercadológicas das terras do *Acidente*. A terra imaginária *Ityopia*, para onde as crianças se evadem, funciona como uma “fronteira” entre a metrópole do Québec e a África.

O *espaço-dobradiça* (*espace-charnière*) é próprio do romance do chileno Maurício Segura, *Côte-des Nègres* (1998). No título do romance, existe outro trocadilho com o bairro Côte-des-Neiges que é habitado majoritariamente por imigrantes. A “dobradiça” simbólica, nesta obra, reside nos confrontos entre dois grupos de jovens haitianos e latino-americanos; crescem juntos, frequentam a mesma escola, mas se separam em *gangs* de rua, no decorrer do tempo, ao ponto de se afrontarem violentamente provocando mortes. O jovem narrador chileno não deixa, mesmo nas situações deletérias em que se encontra, de descrever, com afeto, as ruas sujas e barulhentas onde vive parte de sua vida.

Em seguida, trata-se do *espaço-matrioska* (*espace-gigogne*), detectado em *Squeegee* (2003) do sociólogo Henri Lamoureux. É a história de um quarteto (*le quatuor de l'errance*) de jovens itinerantes, abandonados

pelos pais, Um deles, Michel, é o narrador que afirma que suas existências são *gigognes*, à medida que trazem em si superposições de várias temporalidades da cidade, que se aglutinam nos espaços onde deambulam. As ações privilegiadas dos jovens são as de invadir casas e monumentos públicos para tentarem criar novas moradias. *Squatter* os espaços territoriais da cidade implica em vários questionamentos sobre o funcionamento simbólico e legislativo da semiosfera quebequense. Nesse sentido, o autor produz uma poética de seu espaço urbano, levando em conta a força de representação literária, que cria o potencial altamente metafórico dos contrastes da cidade no contexto norte-americano.

O próximo espaço é o da *contra-cultura*, no romance *Vamp* (2004) de Christian Mistral. Como um poeta da contra-cultura, Christian aponta as contradições da territorialidade norte-americana. Jovem rebelde e contestador, cria uma confluência de lugares de produção de sentidos em uma semiosfera urbana que ele quer « vampirizar », isto é, minar as bases nacionalistas, político-econômicas de centro financeiro, históricas, religiosas e continentais como parte do *American way of life*. Com seu grupo de *mauvais flâneurs*, Christian percorre as ruas e bares de Montreal com sua poesia *underground*, revelando a história de lugares da cidade, aquela que espelha exatamente uma história de usos populares.

O *espaço da morte* se encarna no romance de Nelly Arcan, *Paradis, Clef en main* (2009). A narradora Antoinette Beauchamps torna-se paraplégica após uma tentativa de suicídio fracassado que havia sido, portanto, bem organizado por uma empresa Paradis, Clef en main. Esta possui a missão de preparar a morte de pessoas sadias que desejam escapar da vida. Antoinette, inspirada por seu nome, escolhe a guilhotina, a arma que matou a rainha francesa no século XVIII. Um defeito na guilhotina, não decepa a cabeça da heroína e bate em sua coluna. Inválida, Antoinette decide contar sua experiência de suicida, e, nesta tomada de voz, na incorporação de uma personalidade narradora (que antes era tímida), ela empreende uma avaliação do espaço montrealês. Como nos romances observados anteriores, a heroína narradora reflete sobre o fato de que, na semiosfera norte-americana, da globalização, comprometida com o capital e as finanças mundiais não existe bem-estar e felicidade, e sim angústias existenciais que conduzem ao desejo de morte.

O último capítulo põe em paralelo Montreal e São Paulo, em dois romances: *Ce qu'il reste de moi* (2015) de Monique Proulx, e *Il était tant des chevaux* (2005) de Luiz Ruffato. São espaços—dobradiças e matrioskas que se encarnam pra mostrar como as duas metrópoles juntam linguagens híbridas para se mostrarem multiculturais. No romance de Proulx, é evocada a chegada de Jeanne Mance, como hipotexto histórico, com o sonho da *Folle Entreprise*, projeto de convivência harmoniosa entre colonos e autóctones. Deste projeto, desdobram-se os desejos de simetria cultural na semiosfera montrealesa com a chegada dos novos imigrantes, isto é, é evocado o projeto de espaço—matrioska histórico para justificar o planejamento dos espaços—dobradiças permitindo a comunicação das periferias com o centro. No romance de Ruffato, São Paulo, como metrópole brasileira, cresce de forma desordenada, favorecendo a superposição de estratos históricos que imprimem a memória de lugares; lugares esses que tornar-se-ão igualmente dobradiças para a comunicação entre comunidades diferenciadas.

Tais análises expõem um universo significativo de geopoética urbana que traz para o leitor jogos de espaço, em que lugares e territórios se entrecruzam para produzir múltiplos sentidos. O tecido de cada escrita dos romances analisados, com seus tipos de espaços característicos, contém sua própria combinatória de linguagens que reflete, de todas as evidências, relações sensíveis entre o espaço e uma concepção urbana determinada. E o *mauvais-flâneur* é a figura por excelência de poética urbana apta a relacionar lugares esquecidos pelas visões românticas em torno de uma concepção poética mais realista da cidade.